
NAS ESQUINAS DO TEMPO

ENTREVISTA

VÉRTICES PROCUROU OUVIR PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO QUE CONECTARAM A ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE CAMPOS ATRAVÉS DE TESTEMUNHOS DE PARTICIPAÇÃO EM SEU PROCESSO CONSTRUTIVO. OUTROS, AINDA, VÊM-SE INTEGRANDO À HISTÓRIA QUE PASSA A SER CONTADA NA EXPERIÊNCIA DE CADA UM.

WILSON MANHÃES DE SIQUEIRA

Vértices: *Sr. Wilson, o senhor conheceu a Escola Industrial de Campos, “ex-Aprendizes e Artífices”, depois Escola Técnica de Campos e, finalmente, Escola Técnica Federal de Campos, ou seja, há 53 anos o senhor ajuda a escrever a história que aqui se faz. Que marcas a Escola lhe imprimiu e como se sente em seu dia-a-dia?*

•**Wilson:** O amor que sinto pela Escola faz com que eu tenha todo tempo para servi-la. Mesmo quando estou em férias venho aqui. Estou nela como se estivesse em minha casa.

Acompanhei os avanços tecnológicos que fizeram com que ela tomasse rumos não pensáveis. Seu espaço físico e, logicamente, a mentalidade dos novos tempos exigem uma nova Escola. Cada diretor trazia e traz com seu entusiasmo frentes de evolução. Lembro-me da dinamicidade de Dr. Paulo Pereira de Araújo, sua visão de educação e seu lado humano, marcas que nunca se apagaram.

Sinto orgulho quando meus colegas me vêem e me cumprimentam como *patrimônio vivo da Escola*.

JÚLIA CODEÇO DOS SANTOS

Vértices: *Com o léxico das lembranças, como a senhora relembra nossa Escola?*

•**Júlia:** Toda Escola tem um ideal a ser atingido. Meu alvo era, na Escola, chegar ao menino pobre que trazia um ideal. Acho que o ideal substitui o pão, mas o pão não substitui o ideal. As crianças marginalizadas também têm um alvo na vida. Era isto que eu queria ajudar a realizar. Hoje recebo abraços e beijos de ex-alunos, e eu penso: não é a mim que eles querem abraçar, eles abraçam é a Escola.

Vejo a Escola com olhos alegres porque ela ainda está indo ao encontro do aluno pobre. Creio no futuro dela e acho que é hora de ela chegar ao terceiro grau.

O aluno se orgulha de ser da Escola porque confia em sua eficiência para torná-lo um vitorioso. E o que provoca isto? O mesmo que nos leva a nos orgulhar de sermos brasileiros. A convivência com as diferentes classes é importante porque cada um se sente responsável pela construção do Homem como Ser Humano, principalmente por causa da fraternidade.

Espero que a Escola continue a dar maturidade ao aluno, fazendo do adolescente um ser que leve para a vida muito mais o desejo de dar do que de receber; que ele assuma o que faz, se assuma como profissional.

As palavras refletem o que sentimos. A Escola foi uma Escola para mim. Eu me refiro à aprendizagem por ter-me feito sentir a importância de ser companheira. Compreendi que Educar é um exercício de fé. Mas é também um compromisso de amor. E um labor de esperança.

DULCE FREITAS DE SOUZA

Vértices: *Fale sobre sua passagem pela Escola.*

•**Dulce:** Minha ida para a Escola aconteceu assim: a Escola abriu concurso e eu pensei em me candidatar a uma vaga. Uma colega me disse: Você já está quase se aposentando, já tem um emprego, e vai tirar o lugar de gente mais nova que precisa. Isto me deixou muito preocupada. Preparei minha documentação e no último dia de inscrição fui para a escola. Faltando quinze minutos para o encerramento das inscrições,

perguntei: quantas vagas? Eram duas. Quantos inscritos? Nenhum. Fiquei aliviada, não estava tomando o lugar de ninguém. Não fiz as provas porque não havia candidatos para o número de vagas, houve apenas análise de currículo.

A meu pedido o Prof. Pandolfo convidou Álvaro Rogério, Luciano e Godofredo para que compusessem a equipe de Matemática.

Na Escola, meu primeiro encontro foi com Celisa que me disse: Dulce, aqui você não poderá trabalhar como no Liceu, porque os alunos são mais pobres e não têm o mesmo nível. Durante os três primeiros meses fui uma professora observadora. E a partir do quarto mês vi que ela estava enganada. Trabalhava no mesmo nível do Liceu e até mais. Eu não achava que cabeça de aluno pobre é diferente. Eles queriam aprender mais e eu ensinava mais.

Vivo intensamente cada momento e não tenho fatos em destaque, mas eu me lembro do prazer que eu sentia em trabalhar na Escola.

RUI FIUZA MANHÃES

Vértices: *Que passos importantes o senhor viu a Escola dar e que outros passos deseja testemunhar?*

•**Rui:** Eu não diria a você que vi a Escola nascer, mas diria que a conheci ainda como uma criança, porém forte e saudável, que começava a formar uma forte personalidade técnica, cada vez mais sólida e diversificada a partir de novos laboratórios, novos cursos e capacitação cada vez maior daqueles que a construíam. Tornou-se adulta e hoje tem, inegavelmente, uma ótima história de vida para contar, não só para a comunidade local, mas para os mais diversificados pontos desta Nação. Gostaria de vê-la chegar à fase que pode ser associada a de uma pessoa jovem, porém, experiente, que seria sua elevação à Instituição de 3º grau, ratificando mais uma vez, sua vocação para o sucesso.

VERA RAIMUNDA AMÉRIO ASSEF

Vértices: *Onde se concebe a práxis educativa da Escola Técnica Federal de Campos em tempo de mudanças do perfil profissional?*

•**Vera:** Em tempos de avanços tecnológicos, de contextos globalizados, de novas políticas econômicas..., os desafios de uma escola de Educação Profissional, consciente de que o conteúdo e a qualidade do trabalho humano alteraram-se substancialmente nas últimas décadas, adquirem proporções gigantescas.

Ancorada numa base ética que não desvaloriza o espaço público, a ETFC de hoje sabe que, propor uma Pedagogia é propor uma visão política. Neste sentido é que, ao definir suas ações em seu Projeto Político Pedagógico, preocupa-se com a formação de um profissional competente inserida na sua formação de cidadão enquanto sujeito/político comprometido com o “bem-estar-coletivo”.

Assim é que, diante das incertezas do futuro frente à nova imagem do mundo em que vencedores e perdedores são perfeitamente identificáveis, a práxis educativa desta Instituição é concebida no permanente repensar de seu cotidiano escolar onde as inovações, as resistências e as reproduções necessárias se fazem presentes. É um território de luta impregnada de práticas pedagógicas, muitas vezes conflitivas, decorrentes da ação do potencial de educador existente em cada um de nós. Neste campo pedagógico, onde não se permite que um único discurso silencie uma multiplicidade de vozes, (re)criam-se meios para o engajamento coletivo possível.

Ora, participar da construção da escola de hoje é reconhecer a possibilidade peculiar de criar alternativas ainda não concretizadas e de descobrir formas de por ela lutar no espaço público, é estar viabilizando sonhos, realizando esperanças. É rever, com muita seriedade e ao mesmo tempo, apreensão e coragem o nosso saber-fazer-social. É dobrar uma “nova esquina do tempo”.